



A Família Rumana:

Relatório Encaminhado a Funai, relativo aos trabalhos desenvolvidos durante o Período de Campo (1º a sete de Abril de 2003) autorizado pela Portaria Presidencial Nº 195, publicada no D.O.U. em 28 de março de 2003 designando a antropóloga e a encarrega de realizar estudos de levantamento prévio da Terra Indígena Atikum, localizada no município de Curaçá, Estado da Bahia.

Mércia Rejane Rangel Batista
Antropóloga

Agosto de 2003

ÍNDICE

1. Introdução
2. As condições de pesquisa e dados históricos sobre os Atikum
3. As histórias da Saída da Serra Umã
4. Morar de Morador: a condição de agregado
5. O conflito e a dispersão de parte da família Rumana
- 5.1. Djanira e a condição de 'reassentada' pela Chesf
- 5.2. Zé Índio e a descoberta da reforma agrária
6. O movimento de reaglutinação em Curaçá
7. O exercício da família Rumana: marcas de indianidade.
8. Conclusão

ANEXOS

- I Fichas dos Atikum entrevistados
- II Fotografias
- III Mapa da região
- IV Escritura da Fazenda Altamira
- V Documentos gerados pela FUNAI

1. Introdução

“O que eu preciso é de terra, moradia para nós. Nós estamos sem teto, sem terra”. (Zé Índio, pajé Atikum)

O presente relatório resulta do trabalho de pesquisa realizado a partir da Portaria Presidencial Nº 195 onde nos foi solicitada a realização de estudos de levantamento prévio da Terra Indígena Atikum, localizada no município de Curaçá, Estado da Bahia.

Diante da solicitação procuramos nos informar a respeito do processo que teria motivado tal. A partir das peças que nos foram encaminhadas percebemos que estávamos diante de um conjunto de famílias indígena que por razões não muito claras nesse contexto, teriam se retirado na Terra Indígena Atikum, localizada no município de Carnaubeira da Penha, Estado de Pernambuco.

Por essa razão julgamos ser mais conveniente iniciar o trabalho propriamente dito pela pesquisa em campo. Para tantos nos encaminhamos à cidade de Curaçá, após entendimentos mantidos com liderança do grupo, que se encontrava residindo em Brasília e estabelecemos as primeiras diretrizes para esse trabalho.

Procuramos então propiciar condições para que os membros dessas famílias pudessem conversar e buscamos compreender as questões que estavam sendo apresentadas para nós.

Podemos dizer que estamos diante de um conjunto de famílias que são pensadas e se pensam enquanto pertencentes a uma só família, que é conhecida pelo nome de Rumana, e que se vincula a uma aldeia específica Casa de Telha localizada no interior da Terra Indígena Atikum.

A família Rumana, através de seus diversos membros, explica sua atual situação de 'retirados' da área indígena como sendo resultado de um conflito acontecido na aldeia há muitos anos e que os obrigou a sair para evitar uma situação de enfrentamentos e mortes.

Durante muitos anos os membros da família Rumana viveram em condições muito diversificadas. Pelos relatos podemos descrevê-los enquanto possuidores de múltiplas identidades e condições. Foram e são moradores em fazenda, passando pela condição de aldeado¹ e de reassentando pelo Movimento dos Sem Terra. Após muitas dificuldades e insucessos, segundo os nossos entrevistados, passaram a acalantar o projeto de obter uma nova terra que lhes permita construir a Aldeia Ideal.

Para tanto estabeleceram um entendimento com o proprietário de uma fazenda no município de Curaçá e propuseram a venda desta terra à Funai como um modo pelo qual a família Rumana recuperaria a condição de aldeado, mesmo que afastados da Serra e da Terra Indígena Tradicional do seu povo, os Atikum-Umã.

Dessa maneira, vamos tentar descrever essa situação, além de buscar explicitar a reivindicação por uma terra que se torne indígena no município de Curaçá.

¹ Termo bastante utilizado e que expressa a condição dos que vivem em aldeia. E no caso, para esta população, morar em aldeia expressa a identidade indígena. Acepção contida no verbete Aldeia Bras. Povoação constituída exclusivamente de índios, maloca. (Dicionário Eletrônico Aurélio).

2. As Condições de Pesquisa

“Nosso sonho é esse: não importa o que tem lá fora, o que importa é o que cria aqui dentro”. (Zé Índio, pajé Atikum)

O trabalho que foi realizado entre os Atikum que estão em Curaçá teve início em 1º de abril e se encerrou no dia 7 do mesmo mês. Desenvolvemos todo o trabalho de pesquisa sozinhos, pois o GT de que trata a Portaria 195 destinou-se aos trabalhos de identificação e delimitação da Terra Indígena Tumbalalá. Por essa razão, e diante da precariedade de informações, consideramos de bom alvitre procurar colocar em contato os representantes dos dois Povos que estavam sendo contemplados por uma só portaria. Por isso, sugerimos que tanto a representante Atikum quanto o representante Tumbalalá fossem nos encontrar em Petrolina, local onde desembarcamos.

Como não foi possível aos representantes Atikum se fazerem presente ao aeroporto, terminamos indo até Curaçá no carro enviado pelo Prefeito para esse fim. Quando lá chegamos foi possível conhecer e conversar com as duas lideranças Atikum que nos explicaram que não foi possível dispor de recursos para efetivar o deslocamento Curaçá Petrolina, e contando com a generosidade do Prefeito solicitou e foram atendidos quanto ao envio de um carro que pudesse nos trazer até a cidade.

Enquanto esperamos o Prefeito no prédio da Prefeitura, somos apresentadas a um fazendeiro, conhecido como Zé da Malharia, que nos diz que já 'fiou' sete mil reais de comida para esse 'povo pobre' e ofereceu uma propriedade que possui para que a Funai comprasse para eles. Finalmente, com a chegada do prefeito, Salvador Lopes, fomos até o gabinete, onde conversamos sobre Atikum, Tumbalalá e os trabalhos de um Grupo Técnico, que nesse caso está realizando dois trabalhos distintos no mesmo município. E quanto aos Tumbalalá deve-se iniciar o levantamento fundiário quando a equipe de engenheiros se incorporar ao trabalho. Encerramos a entrevista e vamos, no carro da prefeitura, para a fazenda chamada pelos Atikum de Fazenda Capivara e que na escritura consta como sendo Fazenda Altamira, e onde estão os Atikum numa situação liminar, pois é um acampamento e com o dono da fazenda ainda morando nela.

Ao chegar na Fazenda nos apresentamos a uma dúzia e meia de pessoas que lá estão. A impressão é de grande precariedade, tanto nas habitações como também nas disposições. Estão todos ansiosos e cheios de expectativas. Um clima que já compartilhamos em outros momentos passados com Tuxá, Truká e Tumbalalá. Pedimos a palavra e passamos a descrever o trabalho e o tempo que dispomos para realizá-lo. Sugerimos que se organizem ao longo dessa semana para que possamos conversar e entrevistar todos os interessados.

Desde o primeiro momento destaca-se à observação que o comando dessas famílias é dividido entre Djanira e Zé Índio. Os outros com os quais conversamos não são muito estimulados a falar. Depois dessa rápida apresentação e um pouco de tumulto, pegamos o carro e voltamos para a cidade, deixando seu Zé Índio na fazenda e Djanira retornando conosco para a cidade. Combinamos na porta da pensão onde nos hospedamos o horário e o modo de se chegar amanhã a Fazenda.

A partir do dia seguinte passemos a seguir para a fazenda Altamira sempre na companhia de Djanira, que passava pela manhã na pensão. O meio de transporte adotado foi o fluvial, pois estabelecemos um contrato com o barqueiro que se comprometeu a ficar a nossa disposição para nos levar até a fazenda Altamira, nos levar de volta à Curaçá, além de providenciar o transporte daqueles membros do grupo Atikum que estão morando / trabalhando em outras localidades.

Toda a viagem Curaçá Fazenda Altamira Curaçá não demora mais que trinta minutos para ir e uma hora para voltar. As condições de navegação não são das piores, pois o barco possui coletes salva-vidas e a embarcação parece-nos segura. O porto de Curaçá é bastante movimentado e não parece ser difícil encontrar barcos para tal fim.

Contando com um veículo automotivo pode-se atingir o mesmo objetivo sem que se gaste mais que 20 minutos, sendo que a estrada está em condições razoáveis. A fazenda Altamira está bem localizada e o proprietário nos entregou uma cópia da escritura, que vamos anexar ao presente relatório.

De um modo geral podemos dizer que não encontramos nenhuma dificuldade maior na realização do trabalho de pesquisa, pois os membros da família que não se encontravam residindo na fazenda ou na cidade, estão próximos e nos procuraram para prestar as informações que consideraram relevantes. Do mesmo modo, o Prefeito de Curaçá nesse contato não demonstrou nenhuma animosidade, pois a presença dos Atikum não é muito percebida, já que formam um núcleo pequeno e ainda disperso. A relação com o proprietário da fazenda tem transcorrido em clima bastante harmônico e não se criou nenhuma zona de atrito.

Contudo, no desenvolvimento do trabalho do GT quando da identificação e delimitação da Terra Tumbalalá não se obteve o mesmo clima, sendo que nesse contexto existe agora uma grande animosidade entre Prefeituras de Curaçá e Abaré, ocupantes da terra que ora está em estudo e Povo Indígena Tumbalalá. Registramos aqui tal situação porque não será difícil levantar a hipótese de que tal animosidade possa se estender ao Atikum. Dessa forma, diante da necessidade de uma continuidade de trabalho, com o envio de técnicos, torna-se importante levar em consideração tais aspectos, em especial, a falta de condições para que qualquer pessoa identificada com os trabalhos realizados pela Funai possa transitar ou permanecer na cidade de Curaçá sem correr riscos quanto à própria integridade física.

Passamos então a fornecer alguns dados sobre a história Atikum. Que fique claro que não objetivamos aqui, no âmbito desse relatório, uma investigação histórica sobre os Atikum, inclusive porque não nos pareceu importante para o tipo de trabalho que desenvolvemos. Procuramos em verdade alguns subsídios que pudessem ajudar a balizar as narrativas que foram colhidas junto aos membros da família Rumana. Basicamente buscamos mostrar que mesmo nesse rápido panorama histórico, é possível perceber que a situação fundiária Atikum, no período que nos interessa nesse relatório, foi marcada por grandes dificuldades. E que a história Atikum registra conflitos entre índios e posseiros e também entre índios, que terminaram impondo a saída de famílias inteiras do interior da terra indígena.

Informações relativas à situação fundiária do Povo Atikum no início da década de 90. Para tal vamos utilizar as informações contidas na ficha Atikum, parte do Atlas das Terras Indígenas do Nordeste, Projeto Estudo Sobre Terras Indígenas no Brasil, coordenado por João Pacheco de Oliveira e Jurandyr Carvalho Ferrari Leite, pesquisa do PETI / Museu Nacional, publicado em Dezembro de 1993.

Segundo Rodrigo Grunewald o Grupo Indígena Atikum-Umã, com referência ao nome Atikum nos informa que “a primeira referência que temos data da época da 'formação da aldeia' (década de 40 do século passado), quando, em uma comunicação interna do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), o chefe da 4ª Inspeção Regional deste órgão comenta, se referindo ao posto indígena da Serra do Umã, que o primeiro nome do posto foi Aticum, devido provavelmente a um grupo com o qual os 'Umans' teriam se mesclado e o qual devia se chamar 'Aticum' ou 'Araticum'. Para os índios, por outro lado, Atikum não era uma tribo, mas um personagem (epônimo da aldeia) que, para alguns (...) era filho de Umã. Este é também um personagem para os índios é o 'índio mais velho' do Atikum -, que, em hipótese alguma se consideram índio Atikum-Umã, mas índios de Atikum-Umã.” (1993:3)

A população estimada em 1989 pela Funai era de 3582 pessoas. Os núcleos que são identificados são os seguintes: Lagoinha, Areia dos Pedros, Oiticica, Olho d'água do Padre, Casa de Telha, Estreito, Samambaia, Alto da Serra, Lagoa Cercada, Baixão, Sabonete, Jatobá (das Damas), Jacaré, Bom Jesus, Engenho Velho (Baixa do Engenho), Boa Vista. A ficha Atikum do já citado Atlas faz referência a uma divergência entre o Relatório FUNAI/ 3ª SUER / 89 e o Relatório de Atividades de R. Grunewald (1990), em que são registradas 20 aldeias, sem que haja coincidência nas denominações. Por essa razão não são citadas as seguintes aldeias: Tamboril, Serra Grande, Barso, Dondom, Angico, Mulungu e Serra da Cotia.

A extensão, segundo FUNAI/89, é de 15.276 hectares. Em termos de levantamento histórico é possível identificar diversos registros quanto à existência de índios habitando a região da serra do Umã. Contudo, os primeiros contatos com o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) ocorreram entre 1943 e 1945, conforme depoimentos de índios Atikum, quando da visita de alguns funcionários a área. Em 1949 foi criado o Posto Indígena Aticum, posteriormente denominado Padre Nelson, na aldeia Alto da Serra.

Entretanto, o SPI não desenvolveu nenhuma ação de definição de limites da terra indígena Atikum. Em 1961 o então chefe da 4ª Inspeção Regional, faz constar em relatório que “o Posto Padre Nelson, na Serra Umã, com área de 3 léguas em quadro aproximadamente” ... e a indicação de pontos limites: “Olho d'Água da Missão, também chamado Penha; Olho d'Água do Padre; Molungu; Barriguda; Algodão; Zacarias; Cachoeira; Boqueirão; Angico e Lagoa do Caminho”.

A Funai manteve a mesma política do SPI e não realizou o reconhecimento dos limites da terra Atikum até 1984. Apenas nesse na foi composto um grupo de trabalho objetivando a identificação da área ocupada pelos Atikum, para fins de delimitação. O trabalho não pode ser realizado em decorrência de conflitos que envolveram índios e posseiros e que resultaram no assassinato do chefe do posto e da sua filha. 'Entre 85 e 87, seriam registrados novos conflitos ocasionando pelo menos 10 assassinatos entre índios e posseiros, sete destes ocorreram em 1985, dos quais cinco de índios de uma mesma família. Esse fato motivou inclusive a transferência de um grupo com quase 60 índios Atikum dessas famílias, naquele mesmo ano, para a Al Truká (PE), posteriormente para as Ais Vargem Alegre e Barra (BA). Também quando do assassinato do cacique Abdon, várias famílias deixaram a terra”. (Atlas, 1993:2)

3. As Histórias da Saída da Serra Umã

“Por causa do meu pai, por causa da nossa família, que é tudo de lá, dentro da aldeia. O nosso avô foi quem ajudou a levantar o Posto, a fundar o Posto. O nosso avô, pai do meu pai. Então, foi ele quem indicou: - olhe, nós tem direito lá. A mulher do meu avô, os pais dela já tinha herança lá na Serra, já era aportado lá na Serra. Os nossos bisavôres eram de lá, eram brabios. Nós tinha esse direito. Nós vamos pra nossa aldeia”. (Zé Índio e Djanira)

Quando começamos nosso trabalho de entrevista com essas famílias, nos defrontamos com uma narrativa que enfocava um movimento de saída vivido por esse núcleo familiar, em que se viram obrigados a sair da Aldeia Casa de Telha, localizada na Serra Umã, onde está localizada a Terra Indígena Atikum.

Contudo, conforme as narrativas eram ensaiadas várias questões iam sendo postas à nossa compreensão. A primeira é a que colocava um movimento de saída da Serra que não foi motivada por nenhum conflito, nem entre famílias, nem entre vizinhos ou que envolvesse problemas entre pessoas.

Em verdade nos defrontamos com as difíceis condições de sobrevivência que foram impostas aos núcleos familiares do Povo Atikum. Estamos nos referindo as dificuldades quanto à sobrevivência dessas pessoas. É uma unanimidade que a seca, fenômeno recorrente na região, terminava impondo a necessidade de se buscar alternativas fora da Serra. De tal modo que fez e faz parte das estratégias econômicas adotadas pelos moradores da Serra, quando o período de chuva revela-se insuficiente, e diante da dificuldade em se garantir a produção agrícola, pois em muitos trechos não se conta com fontes permanentes de água, tem-se como alternativa a busca e o estabelecimento em outras localidades, com melhores condições de vida.

É por essa razão que se pode encontrar descrições de 'saídas da Serra Umã', pois algumas famílias terminaram estabelecendo-se de modo mais permanente em outras terras. Contudo, para muitos, quer nos parecer, esse movimento podemos dizer pendular vida na serra inverno 'fraco' descida para a beira do rio trabalho retorno a Serra. E assim sucessivamente, de modo a se configurar um modo de vida que não criava grandes conflitos, com um fluxo entre o 'pé da serra' o 'alto da serra'.

Pudemos contar com o depoimento de Eugênio Quixabeira, Chefe de Posto da área Atikum, tendo iniciado seu trabalho em 1989 e lá estando, com uma interrupção quando foi chefiar o Posto em Kambiwá. Fizemos algumas perguntas quanto ao modo de vida desenvolvido pelos Atikum. Acreditamos que sua resposta é bastante esclarecedora porque nos permite confirmar àquilo que já vinha sendo descrito pelos nossos entrevistados. Passemos assim ao trecho:

- (EQ) *A área é grande, nós temos aproximadamente 17 mil (hectares). Agora lá onde eles moravam é o melhor para se morar.*

- (MB) *Por que?*
- (EQ) *Porque lá a terra é fértil e as precipitações pluviométricas são maiores. Agora mesmo estamos tendo um bom (inverno), o pessoal está colhendo feijão, milho. A região é justamente Casa de Telha, o Alto da Serra, a região de cima da serra, é um lugar bom de morar, bom de trabalhar na agricultura. Existem outras áreas, mais longes, Pedra de Fogo mesmo, Areias do Pedro, aquela região tem espaço pra morar, agora as condições pra trabalhar é péssimo. Tem lá na Cachoeira o pessoal tão vivendo porque são teimosos.*
- (MB) *... me disseram o seguinte: que eles sempre viveram dependendo de chuva, então quando chove, quando chovia, eles podiam plantar na própria serra. Quando não chovia, eles desciam para a beira do rio.*
- (EQ) *Ali mesmo na aldeia Cachoeira, agora mesmo, uma três famílias, não sei se voltaram, o marido ia para a beira do rio pra trabalhar e deixava em casa a mulher e os filhos na aldeia.*
- (MB) *Haveria coincidência entre as pessoas que vivam na Casa de Telha e que desciam para a beira do rio. Concentrou nessa aldeia esse costume, ou você diria que é geral. Nos Atikum é comum que se desça para fazer roça na beira do rio?*
- (EQ) *É comum, tanto faz, de qualquer aldeia. É como eu lhe disse, a Cachoeira é uma aldeia completamente diferente e o pessoal costuma também buscar trabalho na beira do rio. (Grifos nossos).*

Desse modo, temos uma caracterização que é importante para a situação com a qual nos defrontamos: embora se possa registrar a extensão de terra Atikum como sendo maior do que a média nessa região, quando comparado com outros povos indígenas. Não podemos deixar de registrar que uma parte da terra não pode ser aproveitada para os trabalhos agrícolas, pois a falta de água revela-se em impedimento. Aos moradores coube desenvolver um modo de vida que lhes permita conviver com as previsíveis secas: sair, descer em busca de alternativas parece fazer parte do estoque de alternativas construído pelos Atikum. Passemos então ao próximo item, quando poderemos desenvolver um pouco melhor o exercício de saída.

4. Morar de Morador: a condição de agregado

*“Eu botei na cabeça, meu pai nós temos nossa aldeia. Então nós não vamos ficar morando de morador. Eu não vou criar meus irmãos trabalhando pros outros, nós tendo nossa aldeia”.
(Zé Índio, pajé Atikum)*

Como colocamos no item anterior, ao menos uma parte dos índios Atikum, moradores em aldeias localizadas na Serra Umã, revelam em termos de memória a prática de deslocamentos produzidos como alternativa à seca e as difíceis condições de sobrevivência.

A família Rumana, através das suas lideranças e porta-vozes, se conta enquanto possuidora de direito à identidade indígena, e a uma aldeia específica, Casa de Telha. Quando perguntados, tanto Zé Índio quanto Djanira, nos dizem que o avô paterno João Barbino Diniz, conhecido como João Rumano - terminou se fixando nas terras de um fazendeiro 'branco' e lá passou a trabalhar e residir. Essa condição é conhecida como a de morador. Vejamos, a definição do termo morador indica a possibilidade de compreendê-lo enquanto agregado o que parece se ajustar ao quadro que é descrito.

morador (ô). [De *morar* + *-dor*.] Adj. 1. Que mora. S. m. 2. Aquele que mora; habitante. 3. Bras. N.E. Agregado¹ (10). 4. Bras. CE Caseiro (6). [Cf. *murador*.]

agregado 1. [Part. de *agregar*.] Adj. 9. Bras. Lavrador pobre estabelecido em terra alheia mediante certas condições. 10. Bras. N.E. Aquele que vive em fazenda ou engenho alheio, cultivando certa porção de terra e prestando serviço ao proprietário alguns dias por semana, mediante remuneração; morador. (Dicionário Eletrônico Aurélio).

Então, o avô João Rumano casou com Dona Anaa e sua esposa manteve uma memória muito viva sobre um direito que ela era possuidora e que transmitiria a todos os seus filhos.

“Por causa do meu pai, por causa da nossa família, que é tudo de lá, dentro da aldeia. O nosso avô foi quem ajudou a levantar o Posto, a fundar o Posto. O nosso avô, pai do meu pai. Então, foi ele quem indicou: - olhe, nós tem direito lá. A mulher do meu avô, os pais dela já tinha herança lá na Serra, já era aportado lá na Serra. Os nossos bisavôres eram de lá, eram brabios. Nós tinha esse direito. Nós vamos pra nossa aldeia”.

“Da minha avó, ela que era de dentro. Minha avó era uma cabocla... ela dizia: ó, nós temos nossa herança, nossos direitos, é índio,... temos que procurar nossos direitos”. (Zé Índio e Djanira)

Então, embora a família vivesse a condição de morador / agregado, tendo criado desse modo os filhos, transmitiu essa condição e a memória de um direito. Um dos seus filhos Manuel José Diniz, conhecido como Manuel Rumano - casou com Maria Joventina da Conceição, que passou a ser conhecida como Maria Rumana - e que também mantinha ligações com a Serra e criou sua família na mesma situação e localização dos seus pais.

Um dos filhos - José Manuel Diniz, conhecido como Zé Índio - nos diz que ao se dar conta dos seus direitos e da condição de vida na qual estavam, decidiu-se por um retorno coletivo à aldeia e a condição de índio, sendo isso que ele chama de 'procurar os direitos'. Vejamos como ele nos conta esse momento:

“O pai do meu pai era morador de Davi Laurindo, um branco que morava lá no sertão. E nós trabalhava de morador. (...) eu botei na cabeça, meu pai, nós temos nossa aldeia (...) já conheço, já entendo que nós temos nosso direito, não vou ficar morando de morador. Vou para minha aldeia”.

Diante dos relatos somos instadas a buscar reconstruir uma certa cronologia, de modo a compreender um pouco melhor a dinâmica desse processo. Infelizmente não foi possível nem junto aos Atikum com os quais conversamos como também com o Chefe de Posto delimitar o período no qual se deu a saída de João Barbino Diniz, conhecido como João Rumano. É possível que este tenha se retirado da Serra quando esta não era ainda formalmente associada a um direito indígena, pois o reconhecimento do Povo Atikum só ocorreu na década de 50 do século passado. Na memória dos seus netos sempre se destaca a sua participação na construção do prédio que serviu como sede do Posto Indígena, e que funcionam como um marco do pertencimento à condição indígena. E, em decorrência, um direito a um local dentro da terra que passa a ser reconhecida enquanto uma terra indígena.

O retorno para a aldeia identificada como sendo a deles também não é narrada com riqueza de datas. Zé Índio diz sempre que estava com 16 anos quando decidiu voltar com todos da sua família para a aldeia. Desse modo, como é nascido em 1952 tendemos a situar o retorno da família entre os anos de 1968 / 69.

- *Ela (dona Maria) casou com esse rapaz que era Manuel Rumano, aí ele morava no Tamboril, então eles passaram viveram um tempo lá, no Tamboril, aí eles disseram: nós vamos voltar para o nosso lugar, porque a mãe dela e o pai dela moravam nas Areias de Pedro, eles falaram: nós quer voltar para nosso lugar, lá podemos trabalhar a vontade, não vai precisar pagar renda a ninguém, não se vai trabalhar pra dividir e tendo nosso direito, aí foi que voltaram e foram morar em cima da Serra, não foram nem pras Areias.*
- *(MB) Agora, eu compreendo isso, eu compreendo. Agora será que teve alguma coisa, alguma história ou alguma pessoa que fez com que essa vontade de voltar (surgisse?). Eu te pergunto: o que foi que fez com que você tivesse essa vontade de voltar.*
- *(ZI + D) porque ele trabalhava de meeiro; minha avó... porque ele trabalhava de meeiro porque a terra não era dele, aí foi quando eu disse, eu botei na cabeça, sabe meu pai eu já estou com 16 anos e não vou me criar, acabar de criar nos terrenos de alheios, sabendo que nós temos o nosso direito, nós somos índios e temos nosso direito, eu não vou me criar trabalhando de morador não, eu tiro meus irmãos e se o senhor quiser ficar aqui sozinho o senhor fica, eu não vou me criar trabalhando de morador e botar meus irmãos de morador, se o senhor quiser ficar aí sozinho o senhor fique, agora eu vou voltar, eu vou para a minha aldeia, eu tinha 16 anos.*
- *(MB) Agora veja bem, para você que tinha sido criado fora da aldeia, mesmo sabendo que tem direito, você talvez tenha tido (seu Zé interrompe e fala: minha avó) esperança, mais a certeza você só teve depois que você fez. Então quem foi que te ajudou a ter essa certeza?*

- *(ZI) Minha avó que era de lá, foi quem botou na minha cabeça: - meu filho não vá viver a vida trabalhando de morador, minha vó, minha vó, mãe do meu pai, botou na minha cabeça e eu achei que era uma realidade. Como a minha mãe também, que saiu tudo de lá, explicou pra mim, o pai da minha mãe, que morreu, tava tudo dentro lá porque o pai era morto, mas a mãe era viva. A mãe diz vocês ficam trabalhando de morador vocês tem o direito igual nós tem, vocês samos (somos) índio, nós semo (somos) índio, e eu coloquei na cabeça.*
- *(D) a mãe da minha mãe era índia e o pai do meu pai já morava lá na Casa de Telha, nós fomos pra lá, o lugar da gente, ele chamou a gente pra lá porque o lugar da gente era esse aí, somo o nosso lugar. Aí então pronto, nós ficamos lá.*
- *(ZI) eles cederam a terra, foi também no tempo que eles foram, saíram, tiveram também confusão, pronto, ói, arrepare como são os negócios, que a confusão começou com os Tiatoni, os Tiatoni são nossa família, os Tiatoni, hoje eles mora no Jatobá. A confusão começou com esses Migué(I), com eles, aí o pai do meu pai disse já que nós vamos, vocês vão sair, então vocês procura a aldeia de vocês, que a terra indígena fica pra vocês. E nós ficamos no direito deles.*
- *(MB): no direito dos Tiatoni?*
- *(D) sim, no direito dos Tiatoni que são nossa família, entendeu? Aí nós fomos, e ele disse muito bem, nós vamos ficar morando direto de trabalhar pros outros, trabalhar de morador, nosso apoio, então a gente tem que voltar pra lá, foi o ano que subiu todos pra dentro da aldeia. A senhora entendeu?*
- *(MB) entendi.*
- *(MB) Uma pergunta que eu tinha feito e que foi respondida agora. Vocês têm direito, vocês querem voltar. Mas será que a terra que vocês estão querendo voltar não está ocupada por outras pessoas? Porque é difícil uma terra ficar desocupada (seu Zé Índio acha que eu estou me referindo ao presente e isso gera uma confusão. Djanira o esclarece, dizendo: no passado). Vocês estavam num lugar e quiseram voltar para a aldeia. Aí eu tinha perguntado: vocês voltaram para a aldeia, mas para que terra? Há uma terra que é nossa, mais você acabou de dizer que é uma terra de vocês porque tinha alguém querendo sair.*
- *(D) porque eles saíram pra nós. Mais quando eles saíram ficou o marquinho, o que eu mando é isso aqui. O que a gente manda é isso aqui. O mesmo direitinho. Esclarecido, com todo mundo que sabia e que entendia. Pronto, nós não fomos criar caso com ninguém. Até hoje nós ficamos. Até o dia que nós saímos estávamos no nosso lugar.*

Apesar de ter transcrito um longo trecho achamos que após a leitura fica esclarecida a razão. O modo pelo qual esses filhos e herdeiros de Manuel Rumano contam a história da família e essa ligação com a aldeia Casa de Telha. Embora não tenhamos podido retrair o conflito que provavelmente existiu na aldeia Casa de Telha e que impôs aos membros da família Ti(o)atoni a saída e a transmissão das terras para os 'parentes' Rumano, fica bem estabelecido o modo pelo qual essa família 'voltou' para a aldeia.

Como também sempre é lembrado como um modo de vida que se tornou inaceitável a condição de morador. Destacamos aqui tal questão porque parece ter voltado ao primeiro plano no momento presente e explicaria a busca por uma nova terra na qual possam escapar da condição de morador.

Ao contrário de tantos outros momentos, a chegada a Casa de Telha é muito vívida nas narrativas. Chegando até a detalhes que são muito preciosos, o que demarca um momento que é vivido como sendo fundador. Não podemos deixar de destacar que em todas as ocasiões que conversamos com Zé Índio ele sempre deixou reafirmada a autoria da ação que os devolveu à aldeia. Sempre é reafirmado diante de todos que foi ele o responsável por impor ao pai tal ação e foi ele, que ouvindo a avó, definiu como necessária à volta para o local no qual não seriam mais moradores e sim aldeados com terra.

Estar na aldeia, na terra indígena, e sob o regime de tutela não marcou nenhuma mudança maior em termos de memória. Ao contrário, o marco aqui é não ter mais que 'trabalhar de morador', pois agora se dispõe de terra. E quando se fazia necessário buscar alguma alternativa diante dos invernos insuficientes, essa situação pela condição provisória não fazia ressurgir uma situação indesejada. Observe a passagem em que Djanira descreve sua condição:

- *“(MB) Seu marido é de onde?”.*
- *“(D) “É de Atikum, da fazenda Baixão, de Atikum. Aí a gente casamo e viemo pra beira do rio.”(Djanira, cacique Atikum)*

Então podemos perceber que diante das dificuldades não se via nenhum problema em ficar na beira do rio, esperando passar mais um inverno insuficiente para se manter as plantações no alto da Serra. Contudo, eles passaram por um conflito envolvendo as famílias **Rumana** e **Miguel**, ambas moradoras na aldeia Casa de Telha, e embora nunca fique muito claro nos depoimentos colhido o que efetivamente aconteceu, o resultado é claro. Uma boa parte dos membros da família **Rumana** deixou a área indígena, sendo que, na aldeia Casa de Telha não ficou nenhum dos filhos de Manuel Rumano. Esse é o ponto que vamos desenvolver no próximo item.

5. O Conflito e a Dispersão de Parte da Família Rumana

“Sinto saudades da nossa Serra, porque não era pra deixar ela, só que fomos obrigados, mas eu não posso morar lá”.

Façamos um pequeno balanço. O primeiro Rumano lembrado nessa história João Barbino Diniz, o João Rumano saiu da Serra e foi ser morador de um fazendeiro branco. Lá criou família e um dos filhos Manuel José Diniz após casar e ter 16 filhos, um deles José Manuel Diniz, o Zé Índio ao completar 16 anos decidiu que toda a família deveria **voltar** a viver na aldeia Casa de Telha, baseado em direito que teria sido transmitido pelos avós, além das terras dos parentes os Tiatoni que estavam se retirando da mesma aldeia por razão de conflitos com uma outra família.

Notemos que embora eles falem em voltar a viver na aldeia, esse retorno parece mais uma entrada, percebida por todos como uma volta ao local que lhes pertenceria por direito. Desse modo, a família Rumana se estabeleceu na aldeia Casa de Telha e lá viveu durante um período inferior a duas décadas.

Surgido um conflito entre as duas famílias que são as moradoras da aldeia Casa de Telha, a opção adotada pelos Rumano foi sair e deixar os Miguel vivendo na localidade.

- *(MB) Me fale um pouco seu Zé sobre a origem da família na aldeia Casa de Telha.*
- *(ZI) Quando nós chegamos na Aldeia Casa de Telha nós fomos para a casa de um primo do meu pai (...) ele (o primo) saiu por causa de confusão desse pessoal (os Miguel) (...) nós chegamos lá e ele disse: olhe meu primo, nós temos que sair e vocês têm direito, porque esse direito foi passado por parte da minha avó, a mãe do meu pai, era filha natural de Casa de Telha, consta no Posto como o direito era da gente, aí chegamos a Casa de Telha, só tinha a casa dos Tio(a)tônio (...) Essa confusão mais começou por causa de um documento que nós fomos buscar lá no Jatobá que minha família, porque eles não (es)tavam acreditando que a Casa de Telha era dos Tiotônio e eles (os Miguel) moravam fora e eles ficaram dizendo que era nosso, era nosso (isto é, deles). Fui buscar o documento que era direito de nossa família, no Jatobá, desde a Serra do Umã até o Jatobá, porque (es)tavam criando confusão com a gente (...) eu cheguei com um documento e ele queria rasgar pra dizer que nós não tinha direito. Disse que ia tomar e rasgar, lá no Posto.*
- *(MB) Deixe eu lhe perguntar uma coisa: o seu pai morou numa fazenda, como o senhor me contou. Eu queria que o senhor me contasse como vocês voltaram para viver dentro da aldeia.*

- *(ZI) Voltemos pela minha avó porque ela morava lá. Os pais da minha avó, porque era a mesma terra deles. Nossos bisavôres era de lá. Era filho de lá, de Casa de Telha. Foi através de lá voltar, falou com meu pai e eu coloquei na cabeça: meu pai nossos direitos estão... acabamos de ser criado encima da serra Umã e nunca saímos de lá. Meus pais nunca saíram de lá, estamos em cima de nossos direitos.*
- *(MB) Agora quando vocês chegaram tinha tido uma confusão com...*
- *(ZI) Com a minha família porque os Miguel queriam colocar pra fora os Tiotônio e eu fui buscar o documento no Jatobá e eles passaram esse documento pra nós. Ta escrito, tava escrito e quando eles chegaram e viram o documento, Zé Miguel avançou querendo tomar querendo rasgar.*

Então, na verdade o conflito que motivou a saída foi, na percepção d'os Rumano' uma continuação daquele que gerou a saída dos seus parentes "os Tiatoni". Desse modo, nas narrativas que são ensaiadas para explicar à pesquisadora, a motivação dos Miguel seria o desejo de monopolizar as terras que estavam sendo utilizadas pelos Rumano. Desse modo, diante das constantes ameaças a única coisa que restou a eles foi buscar uma alternativa fora da Terra Indígena.

- *(MB) Agora quando vocês saíram em 90, a terra que ficou foi ocupada pelos Miguel?*
- *(ZI) Os Miguel ocuparam nossas casas. Eles botaram nós pra correr pra tomar de conta. Estão morando nas nossas casas. A Funai acompanhou e disse: índio nós temos apoiando, assim que você achar um local, quando você achar um local nós compra. Nós temos trabalhando em cima de um direito que eles mandaram a gente procurar, não é assim à toa, nós viemos porque queremos, não queremos ser melhor que os outros índios, temos outro lugar melhor. Não é porque queremos ser melhor que os outros, procuramos uma área que tenha água é por causa desses motivos que nós já dizemos, queremos evitar conflito, confusão, nós nem matar nem morrer família com família. O chefe índio disse que se nós achar nos acompanha, nos dar a maior força, o Geninho, que é o Chefe do Posto, ele acompanhou todos os problemas da gente e mandou que eu caçasse esse local que ele dava todo apoio, aí levemo o caso a Funai Recife, eles mandaram a gente: cace um local.. foi Recife que mandou a gente caçar um local pra eles comprarem pra gente porque eu não volto mais, pode existir ouro, independente agora, quando eu fui com Manel pra ele fazer um tratamento lá, índio você tem que voltar pra aldeia, porque se não voltar você perde seus direitos. Eu perder os direitos? Eu não perco um lugar nenhum do mundo o meu direito de índio. Mas você tá sabido não é índio? Eu não tou sabido, é porque eu sei porque eu estou aqui, to procurando meus direitos porque sei porque tenho direito. Ele disse: então, pois compre, arrume um local, procure um local, quando você encontrar um local nós vamos comprar, eu (es) tou sabendo que você não volta, to sabendo dos motivos que você não volta, procure um local pra nós comprar prôces. Se eu quiser morrer nós tinha resolvido, se matar, matar morrer, a gente porque nós semo índio, se nós temo um*

meio de se defender não vamos botar tudo pra morrer, temos como a gente se defender não é? Nós pode botar pra morrer se for obrigado, se for um causo sem jeito, sem solução pra gente se defender, aí é outro caso pra gente procurar uma coisa ou outra, mais se nós temos meios de se defender então vamos procurar meios de se defender, a vida é doce e a família dela (está se referindo à mãe) é grande, é um familião. Em que ano foi que fizemos a conta, mãe, tinha quantos netos? Acho que foi ano passado ou trasado tinha centos e poucos netos e sessenta e poucos bisnetos, viu? Nossa família é grande, eu vou procurar destruir minha família, vou procurar matar... não! o nosso Brasil é grande já que não dá, nós temos que procurar outro lugarzinho, um lugar pra nós viver assossegado. É isso o meu caso de estar assofrendo a temporadas, mas tendo que achar um lugar para alocalizar minha família. (A mãe fala: com paciência). Falei com ele, outro dia corri para Miguel Delfino encontrei esse terreno e não deu certo, era um sequeiro muito dipendiosa. Vim, ai disseram tem um cidadão acolá que tem pra vender. Vimos, aí falei com ele se tinha pra vender, tirou uma xerox da escritura, ta na minha pasta, tirei uma xerox foi pra Funai Recife, e desde que começamos que ele diz: eu tenho pra vender e to querendo vender. E ta pronto pra vender. Foi assim ou não foi? (Zé Índio e Djanira, irmãos e lideranças Atikum).

Podemos escutar várias histórias de como se deu à saída da família: numa a ação limite foi à acusação feita a eles que estariam colocando feitiço na outra família. E a exigência de que o retirassem era quase um impor a aceitação da identidade familiar de 'feiticeiros'. Vejamos como isso nos foi contado:

- *Com a minha família porque os Miguel queriam colocar pra fora os Tiotônio e eu fui buscar o documento no Jatobá e eles passaram esse documento pra nós. Ta escrito, tava escrito e quando eles chegaram e viram o documento, Zé Miguel avançou querendo tomar, querendo rasgar (...) Eu entreguei ao chefe e eles continuaram tentando, aumentando, e foi assim que começou a confusão. E quando tinha algum problema corriam pra mim e eu ia lá conversar, e passava um mês, dois, e eu (a)guentei 18 anos, até que começou a confusão grande. Nessa época já estava Eugênio Quixabeira, porque eles queriam que o meu pai fosse lá tirar o feitiço, e eu disse que não, porque ele não estava errado. Quando nós tá errado tudo bem. Eles juntaram 50 homens e eu disse que meu pai não tirava e ia dar morte. (A gravação não nos permite transcrever e a história é de uma panela cheia de ossos que foi achada na roça dos Miguel e que eles acharam que era um feitiço posto pelos Rumano contra eles, e por isso queriam que o patriarca fosse lá para tirar). O meu sogro chegou, muito chateado e perguntou a filha (esposa de Zé Índio), se ela tinha coragem de tirar porque senão ia acabar em morte. E ela foi lá e quebrou o pote e pra evitar o prejuízo, mesmo estando de resguardo, foi lá e evitou o conflito naquela hora, não evitou a confusão.*

Por outro lado, temos a explicação da saída sendo feita pela ambição dos Miguel de se apossar das terras e das casas que pertenciam aos Rumano:

“(Eles) desaqueitaram minha família mais depois não tiveram mais sossego não, porque a coisa mal ganhada, mal dirigida. Eu disse: o terreno do meu pai vocês não vão cantar vitória muito tempo não, não vão fazer muita benfeitoria em cima do terreno do meu pai não. Meu pai vocês tiram daqui, ele não vai morrer no local dele não, eu não vejo o futuro de vocês no local de meu pai não. Por que meu pai não teve o gosto de morrer em cima do que era dele. Esse é motivo da nossa revolta e ficou todo mundo abandonado, pelado. (...) tinha nove casas na Casa de Telha. Conforme nós falamos com a senhora”.

Continuando a conversar com Zé Índio e outros Atikum, e passamos a ouvir uma outra história que explicaria a desavença criada entre os Rumano e os Miguel e que resultou na saída das famílias dos primeiros.

(ZI) “e eles foram pra Carnaúba e falei com Eugênio e Manel Cirilo, porque eles tinham matado um doido lá. E tudo começou por causa desse doido que eles mataram também, queriam que fosse meu pai que tivesse dito que eles é que tinham matado (o doido). Que tinham dito que era eles que tinham matado. Mataram o doido, quando acabar enterraram, fizeram coivara em cima. Chegou na casa deles e eles mataram.

(D) o doido chegou na nossa casa. Passou em casa e nós pelejamos pra segurar ele e não teve jeito, não seguremo. Aí ele passou por nossa casa e quando foi seis horas da noite, da tarde, a gente escutou o grito feio e as pancadas, matando ele. Ai nós 'oh meu deus, acabaram com o pobrezinho do doido', aí nós ficuemo tudo atarantado porque nós não podíamos ir lá porque era tudo revoltado com a gente, nós não podia ir lá. Nós ouvimos só os baques e tudo, tem prova, porque ele passou antes por outra casa e tem gente que passou lá em casa e disse: ói gente, esse homem é doido, vocês tem que segurar ele, não deixar passar não porque a família vai procurar. Porque ele era do Curatá, disseram que a mulher tava de dieta e chegou essa pessoa amedrontando e não sei como é, eles ele chegou em casa pediu água e nós demos, ele não falava, bateu no pote, a menina foi e deu água pra ele, ele bebeu água. Botemos comida, ele comeu, depois que comeu a gente tentou segurar ele, pra ele não sair, mais não teve quem segurasse, ele saiu. Quando saiu foi só morrer, quando foi a gente escutou pancada, pá pá, os gritos, e nós dissemos: oh meu deus do céu acabaram com o pobrezinho do doido. (Nós não pudemos fazer nada). A família caçando por todo canto, passado os dias foi que descobriram a coivara, investigando, com nove dias foi que encontraram essa coivara pra lá, mandaram escavar e acharam o doido lá. Ai ficaram dizendo que foi meu pai quem tinha escavado, e lá e vai. Meu pai não tinha nada a ver com isso. Nós pode morar num lugar desse? Nós não pode. Desde essa data nós ficuemos jogados, uns pruns cantos e outros pra outros”.

Finalmente, ainda se tem espaço para se insinuar que em verdade os Miguel queriam ficar livres na aldeia Casa de Telha para poder plantar maconha (*Cannabis sativa*):

(MB) Vocês chegaram a me contar que a família de Zé de Miguel também teve problema na área. Teve que sair também. Eu quero que vocês me contem para poder gravar.

(ZI) Eu contei. Com poucos tempos que a gente saímos começou a plantar maconha no terreno deles. Encontraram maconha no terreno deles e foi quando começou a questão com Manel Cirilo, eles botaram que era de Manel Cirilo a maconha. Foi quando criou o problema deles com Manel de Cirilo, que até são compadres. Manel Cirilo mais o filho dele foi preso em Itacuruba, por isso a questão deles que correram daí pra não morrer, foram parar na Funai, eu não sei se foram pra Brasília. Os irmãos dele correram tudo e depois voltaram, mais ele não vem não. Como é que eu saio lá do Posto e venho botar uma roça de maconha no seu terreno? Na área do Sabonete abaixo, que é pra plantar maconha adentro? A questão deles começou com isso, sobre o que eu ouvi dizer (...) eu não tou falando porque não quero me envolver com esse tipo de gente, mais tô contando o que aconteceu, correram da Serra porque queriam matar eles. A questão começou assim, e os Cirilo ficaram na área e se ficarem os parentes deles vão morrer, como já morreram. A família voltou até Carnaúba (Carnaubeira da Penha eu acho) e o Olho D'água, agora ele (Zé de Miguel) não vai porque se for ele morre.

Embora as explicações possam variar, as motivações também, temos alguns elementos que são mantidos: **Rumanos** consideram **Miguel** como sendo os responsáveis pela saída da sua família da Aldeia Casa de Telha. Eles guardam de modo muito enfático a lembrança das casas que foram obrigados a deixar e que foram apropriadas pelos **Miguel** e, diferente do que vem sendo praticada pelos Atikum, ao saírem da aldeia não 'deixaram' com ninguém a sua propriedade.

(MB) Você acha que seria possível eles (os Rumano) voltarem a viver dentro da área Atikum?

(EQ) Difícil, difícil, porque lá no local onde eles moravam mora o pessoal dos Miguel, né, que chamam a família dos Miguel, inclusive já foram embora uma parte por causa de briga, de conflito, até Zé Miguel mora em Brasília e já saiu daí por causa de conflito, inclusive com o pessoal dos Cirilo, Manoel Cirilo, tiveram conflito também. Então, para eles voltarem hoje para se apossarem não há possibilidade não.

(MB) E seria possível para os Rumano viver em outro pedaço da área indígena Atikum? Você vê essa possibilidade. Eu não conheço a área, veja bem. Eu estou perguntando porque não tenho idéia mesmo.

(MB) A gente pode dizer que as partes boas da Serra estão ocupadas na verdade?

(EQ) Estão ocupadas. Talvez você não saiba Mércia, o costume lá é o seguinte, quando saem eles vendem aquela posse, não pensam em deixar pros filhos.

(MB) Na verdade vocês não têm essa terra disponível.

(EQ) Tem não, pra voltarem pra aí e viverem dignamente, trabalharem e sobreviverem tem não. Acho difícil. (Eugênio Quixabeira, Chefe do Posto Indígena Atikum).

O que aponta para um quadro de quase expulsão. Infelizmente, a saída dos **Miguel** da Casa de Telha se fez num processo tão difícil, pois em conflito com a família Cirilo, que não favorece a nenhum dos **Rumano** com a idéia de um retorno à aldeia Casa de Telha.

Finalmente, ouvimos de muitos que no momento em que o conflito se configurou e a saída da aldeia foi colocada, a Funai teria tentando auxiliar para que se fizesse a mudança de todos os familiares e, posteriormente, com a promessa de ajudá-los a se instalar numa nova terra, através da compra. Vejamos:

(ZI+DJ) procurem um lugarzinho pra vocês ficarem, que quando vocês procurarem um lugarzinho vocês podem vir aqui que a gente vai comprar pra vocês ficar.

(MB) Isso foi alguém da Funai que falou?

Foi, foi da Funai, eu não tou lembrado da data, foi da confusão que nós passemos... nós não tinha muita experiência, muita possibilidade, nós fiquemos aqui, sofrendo e lá vai (...) E eu botei na cabeça, não quero e não vou aceitar, nós vamos procurar um lugarzinho pra gente juntar nossa família, pra gente não destruir uma coisa e ter que pagar depois? Não dá pra nós. Foi quando eu fui pra Recife com aquele rapaz que estava doente do nariz, aí foi que o superintendente falou: - Índio você tem que voltar para a aldeia, você não pode ficar dentro do movimento dos sem terra. Você tem que juntar sua família e voltar pra dentro da aldeia porque senão vocês perdem os direitos. Eu perder os direitos? Não, eu não tomei as providências, agora eu vou tomar. Eu não quero perder meus direitos. Como é que eu perco meus direitos? Eu não perco meus direitos em canto nenhum. Em todo canto que eu chegar eu mostro que eu sou índio porque a Casa de Telha é de minha família. Eu tenho conhecimento, porque é conhecido como dos Tiatônio, é dos Tio(a)tônio. E vocês vão resolver, vão arrumar onde for e vão comprar pra minha família.

(ZI) Mais já tava com o direito da Funai, de Petrônio, pra gente caçar um local pra gente, pra comprarem pra gente e a gente ainda não tinha achado o local certo.

(D) aí a gente ficou assim voando, braiando pra aqui e pra acolá, procurando um lugar onde a gente pudesse se apoiar.

(ZI) e Petrônio disse que sabia que nós tava saindo para evitar um problema de família de índio com família de índio, índio com índio, nós tamos sabendo, vocês querem evitar, então ta, nós compra pra vocês. (...) Eu não tou sabido, é porque eu sei porque eu estou aqui, to procurando meus direitos porque sei porque tenho direito. Ele disse: então, pois compre, arrume um local, procure um local, quando você encontrar um local nós vamos comprar, eu (es)tou sabendo que você não volta, to sabendo dos motivos que você não volta, procure um local pra nós comprar prôces. Se eu quiser morrer nós tinha resolvido, se matar, matar morrer, a gente porque nós semo índio, se nós temo um meio de se defender não vamos botar tudo pra morrer, temos como a gente se defender não é? Nós pode botar pra morrer se for obrigado, se for um caso sem jeito, sem solução pra gente se defender, aí é outro caso pra gente procurar uma coisa ou outra, mais se nós temos meios de se defender então vamos procurar meios de se defender, a vida é doce e a família dela(está se referindo à mãe) é grande, é um familião. Em que ano foi que fizemos a conta, mãe, tinha quantos netos? Acho que foi ano passado ou trasado tinha centos e poucos netos e sessenta e poucos bisnetos, viu? Nossa família é grande, eu vou procurar destruir minha família, vou procurar matar... não! o nosso Brasil é grande já que não dá, nós temos que procurar outro lugarzinho, um lugar pra nós viver assossegado. É isso o meu caso de estar assofrendo a temporadas, mas tendo que achar um

lugar para alocalizar minha família. (A mãe fala: com paciência). Falei com ele, outro dia corri para Miguel Delfino encontrei esse terreno e não deu certo, era um sequeiro muito dipendiosa. Vim, ai disseram tem um cidadão acolá que tem pra vender. Vimos, aí falei com ele se tinha pra vender, tirou uma xerox da escritura, ta na minha pasta, tirei uma xerox foi pra Funai Recife, e desde que começamos que ele diz: eu tenho pra vender e to querendo vender. E ta pronto pra vender. Foi assim ou não foi? (Zé Índio e Djanira, irmãos e lideranças Atikum).

Embora se possa contar o problema que envolveu os **Rumano** com os **Miguel** de um só modo, as alternativas que foram sendo desenhadas para os que saíram, tanto antes quanto depois desse incidente, foram marcadas pela diversidade. No processo de entrevista para a confecção das fichas dos chefes de família Rumana foi possível destacar alguns desses caminhos. Apenas para exemplificar vamos apresentar as duas trajetórias das duas maiores lideranças da família Rumana: Djanira e Zé Índio e para tanto vamos para o próximo subitem.

5.1. Djanira e a condição de assentada pela Chesf

Façamos então um resumo da trajetória biográfica de Djanira. É uma mulher jovem, nascida durante a permanência dos pais na condição de morador /agregado. Mudou-se juntamente com todos para a aldeia Casa de Telha. Casou com homem nascido dentro da área indígena. E foi viver com ele na beira do rio, quando se caracterizou enquanto parte da população atingível pela construção da Hidrelétrica de Itaparica. Nessa condição o jovem casal passou a viver num dos projetos de reassentamento realizado pela Chesf (Companhia Hidrelétrica do São Francisco). Num momento subsequente toda a sua família foi atingida pelos problemas que já foram descritos acima e não se poderia ensaiar nenhum retorno para a aldeia pensada enquanto a aldeia da família Rumana.

(DJ) falar dona Mércia a minha história. A senhora quer que eu fale um pouquinho do meu casamento? A gente, eu me casei e fui morar na beira do rio.

(MB) Seu marido é de onde?

(DJ) É de Atikum, de da fazenda Baixão, de Atikum. Ai a gente casamos e viemo pra beira do rio, quando tava numa faixa de seis meses que a gente tava casado foi quando a água veio subindo. Agora antes disso já tinha passado muita gente, tinham feito cadastro, a gente não sabia de nada, a gente sabia que ia voltar pra Atikum, mais quando foram sair todo mundo nós fiquemo por último, aí quando a água já tava pertinho da gente, veio um pessoal e pegou a gente de vez e levou pro Projeto Caraíba. Ai quando a gente chegou lá, já tinham botado um papel na porta com o nome da gente, ai quando chegamo fomo direto pra casa. Ai começou nosso cadastro e quando começou o mês já veio o pagamento.

Contudo, a vida nos chamados projetos revelou-se marcada por muitos problemas. Num primeiro plano temos a noção de que vizinhos devem ser escolhidos seguindo critérios próprios e não os que uma companhia como a Chesf prioriza. Djanira mostra claramente seu desconforto pela idéia de ficar morando ao lado de pessoas que não são parentes nem aliados.

Temos também as dificuldades na implementação da vida econômica dos agora (re)assentados. Muitos vão passar a viver numa condição de 'pensionistas', pois incorporam o pagamento da chamada VMT (Verba de Manutenção Temporária) que parece ser quase uma VMP (Verba de Manutenção Permanente), o que significou uma mudança em termos dos papéis até então desempenhados.

Como consequência passamos a ter uns tempos excedentes, que não foi gerado por nenhum investimento desse conjunto e que propiciou conflitos e violência. Muitas pessoas vivendo num ambiente de vila, na condição de vizinho, sem os mecanismos sociais costumeiros, e com todo o tempo à disposição. É um ritmo de vida muito diferente daquele que marca as comunidades camponesas. Esse aspecto violência e alcoolismo, por exemplo presente em projetos de reassentamento já foi bastante explorado em outras pesquisas e não é preciso se estender.

A partir desse quadro Djanira termina envolvida em conflitos no interior da agrovila onde residia e se vê forçada a abandonar o projeto.

A gente ficou lá no Projeto Caraíba mais ou menos oito anos. Com oito anos que a gente tava lá no Projeto Caraíba, foi aconteceu um problema bem dizer com minha família, era cunhado da minha irmã, aí foi que começaram essa confusão e aconteceu uma morte né, que foi quando o cara foi o outro e ele atirou nele e matou. O cunhado da minha irmã matou o cara, pra não matar o filho dele. Esse pessoal correram pra dentro da minha casa, aí passaram por dentro da minha casa. Quando eles chegaram lá na minha casa eu disse: - minha gente não pode passar por dentro da minha casa. A caatinga é larga, quem guarda criminoso é a caatinga. Eu não posso guardar vocês porque a confusão, aí foi quando eles passaram dentro da minha casa e eu vim pra Santa Maria pra dentro da casa da minha mãe e meu marido ficou lá, disse: - pelo amor de Deus se cuide porque a gente já tá no meio da questão, com certeza. Porque eles vieram pra minha casa, colocaram a gente na questão sem a gente querer. Ai ele, ai que nada, colocaram nada, e eu: colocaram, eu vou pra Santa Maria e não sei se volto mais pra aqui, com essa confusão que tá aqui eles colocaram a gente nessa confusão. Ai eu fui pra Santa Maria, quando eu chego lá, com é, de manhãzinha, nos outros dias, eu durmi em Santa Maria, chega a menina, filha de Francisca que mora no Brígida. Tia, a senhora vai pra onde? E eu já ia pra casa. E ela: - não vá mais pra lá. Por que? Deto não está mais lá, atacaram a casa de noite pra matar ele. Ele teve que fugir e ele mandou que a senhora fosse la pra Itacuruba. Aí o que é que eu fiz? Fui inté ele, cheguei onde ta ele, nós ficamos mais de dois meses em Itacuruba. Depois de dois meses a gente foi pra Atikum.

Ela e o marido buscam refugio na Terra Indígena Atikum, agora na aldeia a qual pertence o marido. E lá ficam até que outro conflito impõe a família do marido o caminho já trilhado pela família Rumana, vão todos sair da área e buscar refúgio em outras localidades.

(D) Ficamos em Atikum um ano e pouco, quase dois anos, aí foi quando começou a confusão do povo dele lá, na Fazenda Baixão, porque nós fomos pra casa da família dele. Ficamos mais de dois anos lá com a família dele, aí foi quando começou a confusão com os parentes dele.

(MB) Que confusão? Me conte.

(D) A confusão foi assim: juntou os brancos pra plantar o que não presta lá dentro, aí quando eles começaram a plantar, aí se juntaram com os brancos mesmo e mataram um parente deles. Aí disseram que era a família dele. Aí aconteceu de esperar o parente dele no matacoco (?) e foi a mãe dele que morreu. Mataram a mãe do cara que mataram o parente da confusão toda. E foi os brancos que mataram e eles foram esperar a família do meu marido. Quando chegou lá quem passou foi a ... aí mataram a mulher. Nessa confusão a gente saiu de Atikum também, essa confusão foi agora a pouco tempo, a gente saiu, eu ainda fiquei lá um pouco, ficou cuidando dos animais desse povo da questão, mataram a mãe dele e ele ficou cuidando dos animais deles. Ele ficou cuidando dos animais e o povo da questão ficaram rixado né, aí começaram a criar caso com ele, e eu preocupada dizendo: você saiu de uma confusão e não vai entrar em outra não, deixe isso aí e vai-te embora .

Djanira e o marido terminam se fixando na cidade-satélite do Gama em Brasília, onde ela descobre que existe a Funai e estabelece um contato que lhe permite vislumbrar uma alternativa para reunir toda a sua família numa nova terra a ser adquirida pela Funai.

(MB) Você ficou na Serra esperando que ele (o marido) juntasse dinheiro?

(DJ) Foi.

(MB) Mais ou menos isso foi em que ano?

(DJ) Foi em 97, aí foi quando a gente saiu e foi por questão morar no Gama, a gente não conhecia nada lá, não conhecia ninguém, através do primo dele, fui morar no Gama, aí quando cheguei no Gama, aí ele não tava empregado, ele tava vendendo cachorro quente. Cachorro quente não, churrasco, aí ficou vendendo churrasco, o churrasco foi fracando, aí foi entrou na firma, trabalhou, deu pra viver, num deu pra (a)luguél, mais deu pra comer. A vida na cidade é uma vida dura, a gente ficamos trabalhando, ele trabalhando e eu em casa com minha filha. E eu pensei que não (es)tava certo porque ele trabalhando só dava pra gente comer, e num é só de comer não. aí foi quando começou a frente de trabalho, depois acabou a frente de trabalho, aí ele desempregou-se e eu fiquei sozinha na frente de trabalho, aí eu vi que não tava dando certo e que a gente ia passar fome, eu vi que nós ia passar fome mesmo e foi quando ele voltou de novo pra firma, aí quando ele volta pra firma acontece que ele perdeu um olho, aí ficou ele parado e eu parada, acabou tudo e nessa situação precária lá no Gama. Eu tenho um relatório lá do Gama eu te mostro. Aí a situação continuou né, aí foi que continuou nossa situação precária também, aí foi quando eu procurei a Funai. Fui no CDR e a mulher falou pra mim: - você não é da comunidade de índio? Não adianta você vir pra cá, você tem a Funai. Por que você não vai pra Funai? Coisa que eu nem sabia que existia a Funai dentro de Brasília. Foi aí onde eu fui na Funai. Chegou lá e eles não queriam me atender, não sabiam que eu era índia,

eu mostrei meu documento, depois que eu mostrei meu documento, aí eles me atenderam. Mas não atenderam como podiam ter feito, não me deram nada. Eu pedi uma ajuda pra fazer uma reforma no barraco, senão tava embaixo da chuva, o barraco está caindo aos pedaços, quando chovia a gente ficava em pé assim. Se chovesse três dias a gente ficava assim, a gente não tinha pra onde ir. Aí foi quando eu falei com o senhor, foi a partir daí que eu falei com (alguém sopra: João Valadares? Ela diz: não) esse que eu lhe falei o nome e ele me mandou arrumar um terreno pra nós todos. Eu (es)tou procurando algo pra nós todos. E foi quando eu voltei lá e foi desse tempo que começou a minha luta, desde esse tempo começou minha luta e (es)tou lutando até hoje. E (es)tou lutando e espero alcançar um futuro. (Seu Zé Índio fala: nosso sonho vai ser aqui agora, de qualquer maneira vai ser aqui. Nós vamos começar a trabalhar com coragem)

(MB) Então na verdade a senhora começou a lutar e procurar ajudar sua família a partir de sua mudança para Brasília?

Finalmente, podemos ouvir como ela e o irmão percebem um compromisso que teria sido assumido pela Funai, através de alguns interlocutores, de se comprar uma terra onde todos os Rumanos poderão viver em aldeia.

(ZI) E ela (a irmã Djanira) me disse que eu tinha que ir pra Brasília e eu perguntei: como eu vou pra aí, sem condições? E ela disse se vire, e eu fui e lutando, e quando cheguei aqui eu soube que seu João estava com essa fazenda e queria vender porque tava doente e não tinha condição mais de continuar e eu disse que a Funai ia comprar e aí eu peguei a escritura fiz uma xerox, e aí Tânia (assistente social lotada na AER Recife) veio, até com Eugênio (Quixabeira). E ela me disse que eu tinha que ir pra Brasília e eu perguntei: como eu vou pra aí, sem condições? E ela disse se vire, e eu fui e lutando, e quando cheguei aqui eu soube que seu João estava com essa fazenda e queria vender porque tava doente e não tinha condição mais de continuar e eu disse que a Funai ia comprar e aí eu peguei a escritura fiz uma xerox, e aí Tânia (Assistente Social lotada na AER Recife) veio, até com Eugênio, e nós tava trabalhando em Juazeiro e ela veio e nós disse que preferia que ela viesse com Eugênio porque ele é nosso chefe e sabe quem é nós. E ela ficou um dia, e depois veio a Sônia (Assistente Social lotada na AER Paulo Afonso) que ficou dois dias.

(D + ZI)) e eu me encontrei com ela porque o Zé de Miguel disse ao João Valadares que não era pra nos receber e atender porque nós não somos índios e eu falei com ele que João Valadares não ia inventar e que ele tinha se metido com a gente na Casa de Telha e que aqui ele não ia se meter não, porque eu ia levar o caso pra Federal, porque quem mora na casa do meu pai é a mãe dele. Aí nós tava em reunião com João Valadares e Petrônio. E o Petrônio disse eu fui quem mandei o ônibus pra tirar ele por causa da questão deles aí e quando chegou lá eles já tinham saído, porque ele tinha mandado o ônibus de Garanhuns. Ele era administrador e mandou o ônibus pra tirar a gente (...) Eles queriam atirar no carro, foi porque não pegou. Nós pode morar num lugar desse? E aí Petrônio disse pode atender o pessoal, eu conheço o pessoal. Pode olhar que foi Petrônio quem assinou a carteira de índio, foi Petrônio quem

assinou a carteira de índio que nós tem. E ele disse: eu conheço o pessoal, é da aldeia. Pode atender o pessoal, e foi aí que ele mandou a Dra. Tânia pra fazer o relatório. E eu disse para ligar para ela pra ela esperar lá, e quando liguei ela já tinha saído de Paulo Afonso, e eu liguei pra ela e ela me esperou. Ela chegou num dia e no outro eu cheguei. Ele quis desaprovar, não, ele quis jogar índio contra índio”.

5.2. Zé Índio e a descoberta da Reforma Agrária

Passemos então a fazer uma pequena biografia de Zé Índio, não vamos entrar em detalhes maiores porque para isso temos uma ficha com todos os dados biográficos que conseguimos coletar. O que nos interessa destacar aqui é o modo pelo qual sua biografia espelha e trajetória e o destino da família **Rumana**. Como já foi bem destacada, a decisão de sair da fazenda, deixar de ser morador e se tornar aldeiado, possuidor de direito, foi uma decisão dele e que foi adotada por todos.

Depois, quando os conflitos com **os Miguel** colocaram em risco a vida do seu pai e de outros parentes, a decisão de sair parece ter sido tomada por ele. Contudo, não se pode deixar de enfatizar que a sua esposa é percebida enquanto parente **dos Miguel** e que o sogro, agora falecido, tentou diminuir a animosidade que se constituiu entre Zé de Miguel e Zé Índio. Tal tentativa não foi bem sucedida. A partir daí a família tentou encontrar alternativas dentre os filhos / filhas casados (das) e que já viviam fora da área indígena. Assim foi no caso de Djanira, como também de outros. Já Zé Índio ainda permaneceu na Serra, e na Aldeia, só que após sofrer ameaças à sua vida o que ele chama de 'colocar piquetes' -, terminou optando por sair, embora tenha deixado a esposa e os filhos ainda na Serra. Segundo ele, sua esposa se recusou a deixar os pais e a serra. Os dois ainda se dizem casados, embora desde então não partilhe de uma vida cotidiana regular juntos.

Desse modo, Zé Índio sai sozinho e se reúne com uma parte da família e voltam a viver uma condição conhecida e rejeitada: dependentes, agregados. É como se pode compreender a vida que vão levar numa olaria, que lhe impõe uma busca de alternativa que se realiza com a Reforma Agrária, no Movimento dos Sem Terra. Durante algum tempo uma parte da família **Rumana** vive a condição de assentado pela Reforma Agrária. Porém, com os problemas que vão surgindo termina-se mais uma vez assistindo-se ao movimento de rompimento e mudança instaurados por Zé Índio. Ele decide sair do Movimento e procurar para sua família e para si uma alternativa junto à Funai. Não se colocou a possibilidade de uma volta à Serra Umã. Ao contrário, vai-se buscar uma nova terra que possa acomodar a parentela **Rumana** e numa localização distante da Terra Indígena Atikum.

Segundo Zé Índio a saída da aldeia foi resultado das confusões e ameaças criadas pelos **Miguel**. Em alguns momentos os **Miguel** questionaram os direitos dos **Rumano** a terra na aldeia Casa de Telha. Para todos eles isso não se justifica, pois o avô paterno trabalhou na construção do Posto Indígena Atikum. E a avó paterna sempre disse que eles tinham direito, e não deveriam ficar pagando para viver em terra dos outros.

“Trabalhar de morador é a pior coisa do mundo, porque tudo que se faz tem que dividir na metade com o patrão”.

“Trabalhar de alugado é ruim e trabalhar de dia de serviço não presta, porque isso não bota ninguém pra frente”.

“Quando nós fomo para Santa Maria (da Boa Vista), pra ficar longe dos Miguel, que viviam perseguindo a gente, fomo viver e trabalhar na oleria (olaria), batendo tijolo. E era muito ruim porque não se tinha como botar uma roça, e o serviço eram muito pesado”. (Tide Diniz, casada com um irmão de Zé Índio).

“Depois da confusão que nos obrigou a sair, nós nos espalhemo. Eu fui para Santa Maria (da Boa Vista), e fui trabalhar na oleria (olaria) que era da igreja e que era comandada pela Prefeitura. E foi quando surgiu a reforma agrária, porque desde pequeno eu ouvia falar dela e estava lá na oleria e foi quando alguém disse que lá em Lagoa Grande tinha um gaúcho falando dela (da reforma agrária). E eu fui até lá e procurei por ele e nós conversamos. Ele disse que ia fundar o movimento e nós acertamos que ia fazer o trabalho junto. E eu fiquei de fazer o trabalho de base em Santa Maria pra preparar a base pro Gaúcho depois continuar. E nós fizemo o trabalho junto e depois de uns meses já tinha conseguido juntar muita gente pro primeiro assentamento. E foi tanta gente que sobrou para um segundo assentamento. O primeiro assentamento foi na Fazenda Safra, em Santa Maria. Isso foi em 95 (1995) e eu pensei que podia fazer o futuro da minha família no assentamento dos sem terra. (Zé Índio) E quando foi depois o superintendente da Funai ficou perguntando se nós era sem terra que tava assentando e ele disse que a Funai não ia dar assistência a índio que tivesse vivendo no meio do movimento dos sem terra.

E eu saí da reforma agrária porque eu achei que não dava certo misturar índio com branco. Quanto tempo tem que eu saí da reforma agrária? Tem mais de ano, e Deja (a irmã Djanira) que (es)tava morando em Brasília veio aqui e conversou e nós fomo atrás do que tinha prometido o administrador. (...) eu procurei a reforma agrária pela minha cabeça, agora eu sai de lá não foi pela minha cabeça, eu sai porque ele me disse que era pra procurar uma terra pra comprar”.

Nesse contexto então, Zé Índio, expressando na sua narrativa a história de sua vida e a história da sua família, expõe todas as dificuldades pelas quais passaram e a busca por um novo local. Inclusive diz que se estabelecidos em definitivo na Fazenda Altamira será possível reunir a família, incorporando aqueles que se encontram ainda vivendo na Terra Indígena Atikum ou que estão espalhados pela região.

6. O Movimento de Reaglutinação em Curaçá

Uma primeira questão nos afligiu: qual a ligação entre Povo Atikum, Família Rumana e a cidade de Curaçá? Eis uma questão que se colocou no início desse trabalho. O município não se coloca ao nível da memória Atikum enquanto uma terra que se vincule a identidade indígena. Ao contrário, Curaçá sempre tende a aparecer como o lugar do diferente. Sejam mais explícitos: diferente de Floresta e Carnaubeira da Penha, não estamos numa localidade com histórias de violência, de conflitos familiares, de disputas de terra etc.

Não podemos deixar de registrar que em torno de Curaçá encontram-se alguns dos projetos desenvolvidos pelo assentados da reforma agrária. O Movimento dos Sem Terra (MST) tem tido uma atuação bastante forte, tanto no lado do Estado de Pernambuco, como também no lado da Bahia, de modo a se registrar que existe uma ligação entre os assentados desses projetos e os que estão agora vivendo essa reivindicação indígena. Membros da Família Rumana passaram ou ainda se encontram em meio a esse cenário. E Curaçá parece ter se revelado como um lugar a partir do qual se poderia instaurar um processo de reaglutinação dos diversos membros da família Rumana.

Estabeleceram assim uma ligação com a cidade, através da fixação de alguns membros e propuseram a um proprietário que se oferecesse a sua terra para que a Funai a comprasse, de modo a se estabelecer enquanto uma terra indígena que servisse para a família Rumana.

O Sr. João Batista da Silva, proprietário da Fazenda Altamira, informou a Sonia Santana, quando da sua visita em novembro último (Ver seu relatório de Viagem em Anexo) que a sua propriedade com 700 hectares, distando 10 km da cidade de Curaçá, tem 4 hectares de coqueiro, 4 hectares de mangueira, 3 casas, sendo duas de alvenaria e uma de taipa, 10 hectares de área irrigada, 300 hectares de área cercada, área com capim, bananeira e fruteiras, um pequeno barreiro no qual está criando peixe, energia elétrica e uma bomba, num total de 700 hectares. O proprietário tem interesse em vender sua propriedade à Funai, tendo pedido o valor de R\$ 700.000,00 (setecentos mil reais) quando da visita realizada pela Dr^a Sonia Santana em novembro. Contudo, quando da nossa visita em abril desse ano, o Sr. João nos informou que corrigiu o valor e passou a pedir 900.000,00 (novecentos mil reais) pela propriedade.

Como já foi possível depreender do que vem sendo aqui exposto quando nos debruçamos sobre o caso dos Atikum em Curaçá, não estamos diante de uma terra que possa vir a ser identificada enquanto uma terra tradicional. Contudo, existe uma grande expectativa quanto à capacidade da Funai atender a solicitação feita que implica na aquisição da terra na qual esse conjunto de famílias vem ensaiando uma retomada de uma vida que lhes parece mais adequada e desejada.

(DJ) Foi. (alguém diz: ela ficou mais interessada). Foi aí que comecei minha batalha e não vou parar. Um terreno não só pra mim, pra ele, é pra nós. Um terreno pra minha família que está desamparada, chegando um parente de Atikum eu posso amparar (seu Zé Índio discorda. Ela diz pra ele: escute, eu [es]tou falando). Chega um irmão, como um parente de Atikum ele vindo de lá pra cá, não sendo da questão, nós temos nossa família lá dentro também, a família ficou toda lá, a gente pede apoio pra ele. É isso que eu quero, é o apoio pra minha

família. É o apoio pra minha família que eu (es)tou querendo. (Seu Zé Índio diz que não quer porque não confia em ninguém que vem de lá!). A gente vai querer fiscal na nossa área, que procurem aquela área que não tem fiscal, porque na nossa área vai ter fiscal. Toda hora entra gente desconhecida, tendo nossos fiscal ta tudo bem não? dessas pessoas mesmo é que eu quero que tenha um fiscal, em casa mesma, fiscalizando nós. Eu quero escola que não tem, dentro da minha área tem que ter escola, essas crianças que estudam lá fora não podem pagar o barco, não pode pagar um carro pra ir pra rua e tem que ter professor pra ficar dentro também. E outra coisa que a gente está querendo também, que a Funai tenha pra gente também um médico. Um médico é mais importante porque a gente tem gente com problemas de saúde na família. O que a gente mais precisa é de um médico. Cuidar da saúde do pessoal (seu Zé fala que eles querem uma área reservada só pra família. Nós não confia pra pessoa de fora ta entrando. Realmente só gente da família). Realmente precisa de terra pra trabalhar porque estamos sem ter onde trabalhar, nós tamos querendo semente, um motor bomba, pra nós começar a trabalhar. Precisa de um trator pra arar a terra pra poder trabalhar, porque a gente não pode trabalhar como a senhora está vendo. É caatinga, não é. Se a gente tem o nosso trabalho aqui dentro fica mais fácil não precisa pedir a Funai, não precisa ficar aperreando a Funai. A gente tem nosso esforço, a gente somos trabalhador, a gente não somos vagabundo, a gente somos trabalhador. O que eu preciso é de terra, moradia para nós. Nós tamos sem tem teto, tamos sem terra. É isso que eu quero. Eu quero no dia que a senhora retornar num passeio a Atikum que a senhora veja a diferença. A senhora não vê isso do jeito que ta, tudo tranqüilo aqui dentro, eu quero uma casa aqui dentro, todos assentadinhos na suas casas, todos de barriga cheia, cuidando de receber. Eu tou lhe recebendo aqui, mais a gente ta com fome, a gente ta passando vergonha. A senhora ta vendo, nós não temos nada. Eu tou imaginando como é que eu vou fazer, pra fazer um feira no mercado, o homem ta em cima da gente. Tamos devendo cinco mil reais e o homem em cima da gente. Mais disseram que eu fosse conversar com ele agora a tarde que pode ser que saia uma feirinha pra gente. (Seu Zé Índio fala: uma área reservada só pra família, pra não entrar tipo de gente e ir plantar maconhas e essas coisas). É por isso que eu quero que tenha fiscalização, pra não ter esse tipo de coisa, todos acham que é uma área indígena vamos chegar e vamos plantar, é federal, é área indígena, é o que eu quero, eu quero que tenha gente corrigindo a área pra não ter sujeira lá dentro. Eu quero uma área limpa. Eu quero uma área limpa. (Seu Zé diz que quer mostrar que tem uma diferença com outras e outras áreas indígenas que tem por aí. Deus é quem sabe. Nosso sonho é esse). Não importa o que tem lá fora, o que importa é o que cria aqui dentro. Eu não quero me envolver com a outra, eu quero me envolver só com a minha mesma.

(MB) No primeiro relatório que eu li e que foi feito pela Tânia, ela fala em 17 famílias. Depois no relatório que a Sônia fez fala em 28 famílias. Agora que eu cheguei aqui falam em trinta famílias cadastradas e mais quatro enconstadas. Como é a história dessas famílias?

(DJ) Por causa que tinha uma família que estava em Juazeiro e não estava no relatório, não estava; realmente, é a filha de Francisco, que faltou no relatório, não ta. E as outras que tá é

é completar, era completa. Ela colocou 17 filhos de mãe, ela pegou, ela só pegou os filhos, não pegou os outros. Aí pegou só os 17 filhos, mais ela sabe que eram 30 famílias.

(MB) E no caso de Sônia ela colocou 28

(DJ) Porque ela colocou as famílias que não estavam. Aí nós somos trinta família. Não são irmão mais são da família e tão querendo trabalhar e vão ser colocados no novo cadastro, são quatro famílias (com a participação de Zé Índio na explicação).

(A partir daí começa uma discussão entre eles sobre quais são os Atikum que estão cadastrados e quais estão faltando na listagem).

Após mais um longo trecho em que tanto Djanira quanto Zé Índio expõem suas razões nesse momento, achamos que devemos apenas destacar essas questões. A Família Rumana, após um longo périplo, aparentemente iniciado antes mesmo do SPI reconhecer direito ao Povo Atikum, passou pela condição de morador em terras de branco, num breve período passado no interior da Terra Indígena, na aldeia que é para eles o seu lugar a Casa de Telha e sendo marcado pela necessidade de saída da TI. A partir daí, embora sem perder o sentido de uma família, as diferentes unidades foram ensaiando caminhos e alternativas. Podemos dizer que nenhum destes permitiu a realização desejada, qual seja, a manutenção da unidade familiar. A vinda para Curaçá nos parece expressar esse desejo: viver novamente em comunhão, onde os membros da família Rumana possam se manter de forma mais plena. E para tanto, percebem a Funai como sendo o órgão capaz de garantir tal condição. Colocam-se então, a partir desse momento projetando uma nova aldeia, e para tanto, explicitam o por que não é possível retornar para a Serra Umã e por que a Fazenda Altamira pode servir como o novo lar.

7. O exercício da família Rumana, exibindo marcas de indianidade. As linhas do Toré Atikum.

Durante o nosso curto trabalho de pesquisa, tanto Djanira quanto Zé Índio demonstraram um desejo muito grande de que assistíssemos a um toré Atikum. Esta situação nos fez lembrar aquela descrita por Grünewald, em que os Atikum durante sua busca pelo reconhecimento junto ao antigo Serviço de Proteção aos Índios, antecessor da Funai, ao receberem a visita de funcionários dançaram o toré. “A realização do 'toré' seria o indicador de que os habitantes daquela serra do sertão pernambucano eram 'índios', o que lhes daria então o direito de receberem assistência do SPI”.

Por essa razão aquiescemos diante de tal desejo, e assistimos a um toré, onde pudemos registrar em fotografias a dança e também gravamos as cantigas, chamadas de linhas e as transcrevemos. Que fique claro que não estamos aqui num exercício de aferição da condição indígena desse segmento Atikum. Contudo, sabemos da importância para estes de tais sinais. O toré, uma dança e um ritual, tem servido como uma marca que permite aferir o direito a essa identidade. Passado mais de meio século, esses Atikum, agora vivendo em Curaçá, repetiram o mesmo espetáculo esperando obter os mesmos resultados.

*Lovado seja Deus
Nosso Senhor Jesus Cristo
Nossa Mãe Maria Santíssima
Ela reza do mar
Viva nosso folguedo
Ela reza do mar*

*Viva Atikum
Viva (sempre será dito a cada viva algo)
Viva a Pedra do Gentil
Viva os índios reunidos
Viva a doutora Márcia (sic)
Viva o centro da Bahia
Viva todos os índios*

*Viva quem trabalha com fé em Deus
Viva a Pedra do Gentil
Viva o cruzeiro na terra Umã
Viva os que estão presentes
E viva a os que estão ausentes*

*Eu tava no pé do cruzeiro
Jurema
Tendo o meu maracá na mão
Eu tava no pé do cruzeiro
Jurema
Brincando com o meu maracá na mão
Pedindo a Jesus Cristo
Com Cristo no meu coração*

*Oi olho d'água
Ei naê náôô
Ei nãê náôô*

*Oi a Jurema tem
Oi a Jurema dá
Caboclo bom pra trabaiá
Pisa pisa
Vamos pisar
Pisei na Jurema
Pra vê juremá
Repete
Naê naê
Naôáááá*

*Viva o nosso toré
Viva*

*O caboclo apanha
A semente da jurema
Meu caboco apanha
A semente no chão*

A luz divina

*Olha a folha da jurema
Que o vento vai levando
Vai levando, vai levando
E os caboclos assim panhando
Ô juremé
Ô juremá
Viva a Deus
A todos os encantados de luz
E a todos os que estão presentes*

*E aos que estão ausente
E a todos os caboclos da margem
E viva a União*

*Ô meu gentio
Ô meu gentio
penerô, penerô, penerô
Ô meu gentio
Caboclo gentio
Não pisa no chão
Peneira no ar
Que nem gavião
Viva o Mestre Mane Cirilo*

*Lá do alto do Mundo
Não mora ninguém
Oi chama, chama
Chama ele que ele vem
Ei nae nae naô*

*Quem tiver seu guia chame
Agora quero ver
Quero ver
Repete*

*Salve Jacira
Protetora da Jurema
Jacira é uma menina
É uma caboca de pena*

*A luz divina
Nos alumiou*

*Eu me chamo Rufino
Sou um anjo divino
Eu sou Rei do Mato
Sou Rei do Terreiro*

*Oi tira a folha
Repica/Rebenta o galho
o toco
Que é pra ele não nascer
Eu quero ver
Todo povo de Aruanda
Carregado de umbanda
Pra quem zomba não vencer*

8. Conclusão

O presente relatório é uma decorrência dos trabalhos desenvolvidos em consequência da Portaria Presidencial Nº 195, publicada no DOU de 28 de março de 2003, em que se determina o deslocamento da antropóloga-coordenadora aos municípios de Abaré e Curaçá para realizar estudos de levantamento prévio da Terra Indígena Atikum, concedendo o prazo de sete dias para o respectivo trabalho.

Nosso esforço se direcionou a tentar atender o que a PP solicitava a realização de estudos prévios da Terra Indígena Atikum. Então nosso esforço se direcionou a tentar compreender a questão de Terra Indígena.

Como está disposto no Artigo 231 § 1º, Capítulo VIII da Constituição Federal,

“São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições”.

Ficou claro desde o início da pesquisa que a terra pretendida Fazenda Altamira não se constitui em área de ocupação tradicional do Povo Atikum, além do que a ocupação atual se deu a partir da busca realizada pela Família Rumana de uma terra que pudesse servir para devolver aos seus membros a condição perdida desde a saída da Serra Umã.

As duas lideranças Atikum nesse processo Djanira e Zé Índio vêm solicitando à Funai a compra da Fazenda Altamira, para que se possa efetivar a ocupação definitiva. E visto que a aquisição de terras para grupos indígenas está pautada na Lei nº 6001, de 19 de setembro de 1973, através do Artigo 26 pelo qual:

“A união poderá estabelecer, em qualquer parte do território nacional, áreas destinadas à posse e ocupação pelos índios, onde possam viver e obter meios de subsistência com direito ao usufruto e utilização das riquezas naturais dos bens nelas existentes, respeitando as restrições legais”.

Portanto, caso a Funai delibere pela aquisição dessa terra, e considerando que esta não se caracteriza enquanto uma terra de ocupação tradicional, sugerimos que se envie uma equipe para proceder aos levantamentos agronômicos e ambientais, o que permitirá definir se a Fazenda Altamira é adequada para permitir a reprodução física e cultural desse conjunto de famílias do Povo Atikum.



LEME - Laboratório de Estudos em Movimentos Étnicos

Centro de Humanidades - UFCG
Av. Aprígio Veloso, 882 - Bloco BA - sala 412
51109-970 - Bodocongó - Campina Grande - PB
Tel. (83) 3310-1051 - ramal 109
Fax. (83) 3310-1051
e-mail: leme@ch.ufcg.edu.br